



Nas embaixadas, residências diplomáticas e nos gabinetes e corredores oficiais, Brasília esconde do chamado "grande público" um acervo de arte de fazer inveja aos maiores museus do país

Só às paredes confesso...

Cesar Mendes

Colaborador

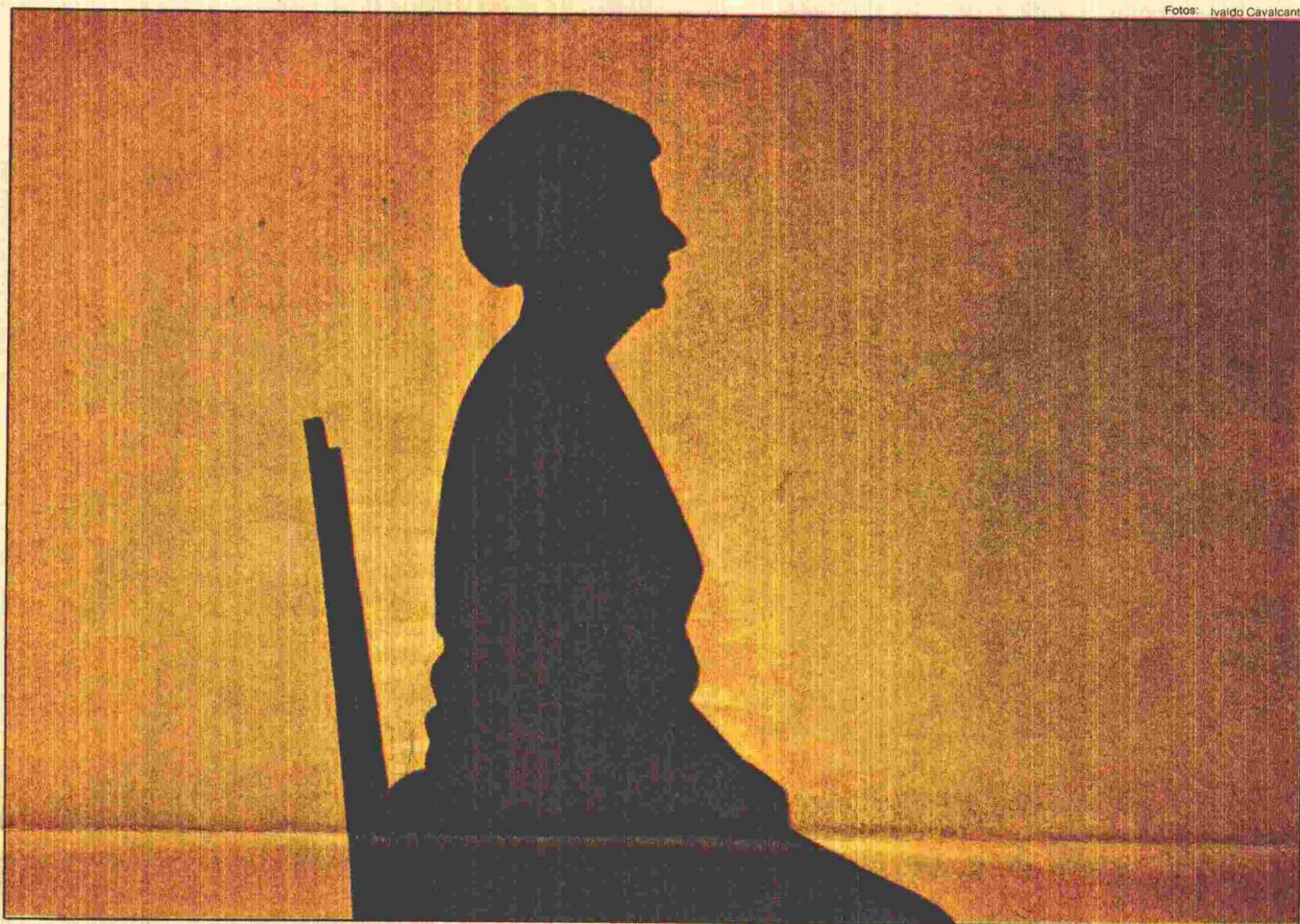
Existe algo mais entre o céu de Brasília e as frias paredes de seus edifícios. Prova disso é a exposição de pinturas que a Comunidade Econômica Européia programou para esta semana, dentro das jornadas culturais européias. Heléne Ferreira, diretora da Aliança Francesa de Brasília, num esforço de diplomacia e pesquisa, desenterrou uma série de quadros e litografias dos porões das embaixadas européias e vai mostrá-los ao público de 13 a 17 de outubro, na sala de exposições da **Cultural Hispânica**.

A bem da verdade, as obras não se encontram todas em porões, mas o fato é que, nas paredes de residências de diplomatas ou espalhadas pelas próprias chancelarias, são muito poucos os que têm tido contato com essa peças ao longo do tempo em que elas têm permanecido na cidade. Quem quiser, por exemplo, conhecer a tapeçaria de Le Corbusier que está na residência do embaixador da França, terá que enfrentar uma maratona burocrática tão grande que provavelmente vai desistir antes mesmo de transpassar os portões da embaixada. Justiça seja feita, as residências de diplomatas não são nenhum museu aberto ao público. De qualquer forma, todo esse rico acervo deveria ao menos ser exposto com mais frequência e, nesse sentido, a exposição montada dentro das Jornadas Culturais Européias é uma oportunidade inédita (vale lembrar, no entanto, que o painel de Le Corbusier não vai estar na exposição).

São quadros ingleses, dinamarqueses, litografias de Magritte e Delvigne, um óleo sobre tela do grego alekos Fassianos além de três quadros portugueses e três espanhóis. Mas a verdade é que isso é apenas uma pequena amostra do acervo guardado entre as paredes da capital da República.

Obras as mais variadas possíveis estão escondidas por aí. Nas embaixadas da Comunidade Econômica Européia prevalecem trabalhos contemporâneos. A embaixada da Alemanha, por exemplo, possui uma rica coleção de quadros americanos deste século. A embaixada da Itália, por sua vez, possui um dos acervos mais ricos, com destaque para três telas de Portinari e três litografias do endiabrado Salvador Dali. Estas últimas figuraram entre um lote de novas obras que chegaram recentemente à Brasília e que "nem sequer foram inventariadas", conforme atesta o Dr. Giovanni Papa, secretário de assuntos administrativos da embaixada. Mas antes mesmo da chegada dessas obras, a embaixada já dispunha de uma acervo de pintura contemporânea italiana de qualidade indiscutível. Tanto que chegou inclusive a editar um catálogo das telas, que foram expostas no início de 1985 no MASP, em São Paulo. São produções do fim do século, abstrações que, por uma tendência de reação ao figurativismo, são apelidadas de "informais". Entre as dezesseis telas, encontram-se trabalhos de Giulio Turcato (um dos mais importantes pintores modernos italianos), Lúcio Fontana e Antônio Scordia (trabalhou com Fellini na decoração pictórica do filme **Satyricon**), entre outros.

A embaixada da Espanha é outra que possui um rico acervo de quadros, em sua maioria também contemporâneos, de acordo com o próprio projeto do prédio que os abriga, idealizado pelo arquiteto Rafael Leoz, discípulo de Le Corbusier. O centro do prédio abriga ainda uma enorme escultu-



Van Der Bosch: Perfil da Rainha Juliana. Linhas despojadas no acervo da Embaixada da Holanda



Retrato de Família, de K. Bohemen, está na embaixada da Holanda.

ra em metal do arquiteto, com mais de 15 metros de altura e cerca de 32 toneladas. Entre os quadros, o destaque fica por conta de quatro gravuras do catalão Antoni Tapies, bastante conhecido na América do Norte, além de dois óleos sobre tela de Maria Helena Gago, quatro gravuras de Antoni Clave, um quadro em relevo de Caruncho e ainda uma tela de Beltrán Segura, um dos maiores nomes da pintura espanhola.

Na embaixada da Bélgica, além das litografuras de Magritte e Delvigne que serão expostas, a residência do embaixador abriga ainda uma escultura assinada por Del Porte realizada em 1968, além de uma enorme tapeçaria de C. de Wit. A Holanda leva para a exposição **4 Estações**, de A. S. Van Der Gulik, mas no seu acervo destaca-se ainda uma tela de K. Bohemen (**Retrato de Família**), três trabalhos de B. Hoezen (objetos espaciais sob acrílico) além de uma coleção de gravuras de paisagens do Brasil antigo, mais precisamente da época em que aqui esteve Maurício de Nassau.

Mas nem só entre as paredes das embaixadas estão guardadas essas preciosidades. Diversos órgãos públicos têm entre suas paredes um acervo de fazer inveja a qualquer colecionador exigente. O Itamaraty, por exemplo, tem telas de Portinari (**Gaúchos e Jangadeiros**), Djanira (**Casas na Bahia**), Di Cavalcanti (**Jarros e Garrafas**) e Debret (**Coração de D. Pedro II**), entre outros, além de esculturas de Alfredo Ceschiatti, Bruno Giorgi (o **Meteoro** dos jardins externos) e outras peças de valor incalculável. O acervo da Caixa também é riquíssimo, principalmente em virtude de ter recebido toda a pinacoteca pertencente ao extinto **BNH**. 29 desses quadros foram recentemente expostos no Conjunto Cultural da Caixa (telas de Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Manabu Maber e Milton Dacosta, entre outros). Paulo César Borges, do Núcleo de Museu e Galeria do Conjunto Cultural da Caixa destaca que essas obras nunca tinham sido vistas pelo público. "Nós reunimos os quadros pela primeira vez aqui em Brasília. Antes dispersos, eles eram usados na decoração de gabinetes do BNH".

Fotos: Ivaldo Cavalcante